

## Famílias aprendendo música em um mesmo espaço: uma experiência em um grupo de práticas vocais coletivas

**Rayssa Fernandes Viegas**

Associação Amigos da Orquestra Jovem do Pampa  
rayssaviegas.02@gmail.com

**Resumo:** O presente estudo teve como objetivo compreender aspectos e movimentos da aprendizagem musical de pais e filhos no contexto de um grupo de extensão em práticas vocais coletivas na Universidade Federal do Pampa, Campus Bagé. O interesse por este tema nasceu do encontro com o campo de pesquisa e a possibilidade em compreender processos de aprendizagem, abrindo o olhar para pais e filhos que aprendem música no mesmo contexto. Este trabalho é fruto de uma pesquisa de conclusão de curso de graduação, construída a partir de uma abordagem qualitativa com enfoque sociológico, no campo da Educação Musical. As narrativas das famílias entrevistadas revelaram a importância que a música tem para a formação social, cognitiva e educacional de seus filhos. As famílias também revelaram processos educativos construídos na rotina familiar, envolvendo referenciais musicais para os filhos e construção do gosto musical, atentos às diversas formas como as crianças estão aprendendo música. Nessa direção, esse trabalho contribui para revelar aspectos da socialização musical em família, expectativas em relação ao trabalho desenvolvido no grupo de extensão e perspectivas de continuidade da aprendizagem musical, apoiado nos estudos de Bozzetto (2012; 2015), Setton (2002; 2005; 2015) e Souza (2004).

**Palavras-chave:** famílias; aprendizagem musical; processos educativos.

### Introdução

O presente estudo é um recorte do trabalho de conclusão de curso de graduação<sup>1</sup> que teve como campo empírico um grupo de práticas vocais coletivas que se configura como um projeto de extensão da Universidade Federal do Pampa. O grupo<sup>2</sup> é dirigido por duas docentes do Curso de Música, dividido em dois subgrupos: dos adultos e do grupo infanto-juvenil. Os ensaios acontecem em salas separadas, porém no mesmo andar, de modo a facilitar a comunicação entre ambos grupos quando os dois se juntam para cantarem. O grupo adulto

---

<sup>1</sup> A pesquisa foi concluída no final de 2017, no Curso de Música: Licenciatura da Universidade Federal do Pampa, Campus Bagé. O trabalho foi orientado pela professora Adriana Bozzetto.

<sup>2</sup> Os ensaios acontecem semanalmente, nas quartas-feiras à noite, ao longo de duas horas. Quando o grupo iniciou era formado apenas por adultos mas, como algumas crianças vinham com os pais aos ensaios, as coordenadoras passaram a ofertar o grupo infanto-juvenil.

tem em sua formação alguns alunos egressos do Curso de Música, discentes e docentes de outros cursos do campus e pessoas da comunidade, incluindo servidores de outros setores da universidade. O grupo infanto-juvenil é formado por crianças que vieram para o grupo através dos pais ou colegas da escola, filhos de professores da universidade e crianças da comunidade em geral.

O interesse por este tema nasceu da possibilidade em compreender aspectos e nuances dessa aprendizagem musical, abrindo o olhar para pais e filhos que estejam aprendendo música no mesmo contexto. Também, refletir sobre suas perspectivas quanto a processos educativos vinculados aos filhos e sobre a experiência que compartilham ao aprenderem música juntos.

Nessa direção, busco contribuir para a área da Educação Musical em perspectiva sociológica, desvelando aspectos do papel das famílias no processo de ensino e aprendizagem musical dos filhos, enquanto uma instância de socialização. Por socialização, recorro a Belloni que a define como “um processo de relações humanas, e as primeiras interações que se constroem entre a criança e o *outro*<sup>3</sup> ocorrem no círculo familiar, ligando a criança à sua família” (BELLONI, 2009, p. 71). Nesta mesma abordagem, Setton (2015, p. 15) conclui que socialização:

(...) é uma dimensão da formação humana propiciada por instâncias produtoras de cultura e tem como tarefa primordial a transmissão de ideias e valores. Os sistemas educativos dos grupos, as estratégias e práticas de socialização daí decorrentes expressariam uma visão de mundo, seriam responsáveis pela difusão ou condenação de sistemas de valores comportamentais (SETTON, 2015, p. 15).

Nesta perspectiva procuro conhecer esses aspectos da socialização no ambiente familiar, assim como as aprendizagens constituídas dentro do grupo e nos diversos espaços de socialização.

## Metodologia

---

<sup>3</sup> Grifo da autora.

A pesquisa foi construída dentro de uma abordagem qualitativa, “em uma compreensão da concepção de conhecimento como instância dinâmica e em permanente transformação, matizada pela subjetividade de quem o constrói” (FREIRE, 2010, p. 22). A investigação qualitativa tem seu interesse “mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos”, conforme orientam Bogdan e Biklen (1994, p. 49). Nesse sentido, Freire reforça que:

A pesquisa qualitativa também busca uma compreensão mais totalizante daquilo que está sendo investigado. Os recortes são feitos apenas por necessidade prática, mas, conceitualmente, todo fenômeno é visualizado como integrante de um todo maior, dinâmico e em permanente transformação (FREIRE, 2010, p. 22).

O foco deste estudo está em compreender a família enquanto um dos múltiplos referenciais de socialização na formação musical dos alunos que integram o grupo de práticas vocais coletivas. Nessa direção, como técnicas de pesquisa, realizei observações dos ensaios e das apresentações do grupo de extensão, produzindo a escrita de diários de campo. Também, foram realizadas entrevistas com as famílias participantes da pesquisa.

Para cada um dos diários de campo produzidos adotei um “título inspirador”, que contribuiu para orientar o que considere como uma marca de cada ensaio ou apresentação que participei como observadora. Esse exercício contribuiu para organizar algumas ideias e refletir sobre o campo empírico da pesquisa, conforme o quadro abaixo:

**Quadro 1:** Diários de Observações

Diário de Campo	Data	Título Inspirador
01	12 abril 2017	“Eu não vou mostrar a minha música, bem capaz!”
02	19 abril 2017	O pendrive da avó
03	26 abril 2017	“Ah pai, é a minha vez agora...”
04	03 maio 2017	Canta conosco hoje?
05	10 maio 2017	“Fur Elise, de Beethoven”
06	17 maio 2017	“Podes me dar uma bolachinha?”
07	31 maio 2017	Onde meu campo está, eu estarei atrás
08	07 junho 2017	“Viu que ela toca diferente para acompanhar o coleguinha”
09	24 junho 2017	Esse é o XXXXX XX XXXXX
10	21 junho 2017	Vida enquanto pesquisadora
11	28 junho 2017	“Vocês têm que se posicionar em um semicírculo”

A próxima etapa do trabalho compreendeu a construção do roteiro e a realização de entrevistas com as famílias das crianças que participam do grupo. Como técnica de entrevista, optei pela entrevista semiestruturada que, segundo Minayo (2010, p. 64), “combina perguntas fechadas e abertas, em que o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender à indagação formulada”. Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas.

A partir do material empírico procurei refletir e interpretar sobre a socialização de famílias – pais e filhos – aprendendo música em um mesmo contexto. Através das observações, fui conhecendo as crianças em primeiro plano para, a partir de então, conhecer seu entorno familiar e conversar com esses pais e/ou essas mães que, todas as quartas feiras, à noite, comparecem aos ensaios do grupo de extensão.

### **Análise e compreensão dos dados**

As etapas analíticas do material empírico construído compreenderam reflexões desde os primeiros contatos com o campo, através da produção de diários de campo, até as entrevistas transcritas, dialogando com o referencial teórico. Enquanto as entrevistas eram realizadas, houve um constante exercício analítico ao longo dessa fase do trabalho, visto que a pesquisa qualitativa é reflexiva em todas as suas etapas (BOZZETTO, 2012). Foi possível perceber, desde as primeiras entrevistas, o cuidado que os pais têm com os filhos, o quanto desejam a continuidade do trabalho e como veem, no grupo em que aprendem música, um lugar em que os filhos convivem com outras crianças, trocando experiências e aprendendo a se posicionarem no mundo.

O processo analítico e reflexivo foi delineado com base nos estudos de autores como Bozzetto (2012; 2015), que discute sobre projeto educativo de famílias na formação musical dos filhos, e Setton (2002; 2005; 2011), referência em pesquisas sobre os múltiplos espaços de socialização na contemporaneidade, como a família e as mídias. Conforme a autora, “é

importante a heterogeneidade dos espaços em que se produz e se troca informações, saberes e competências” (SETTON, 2005, p. 342).

Para compreender o espaço do grupo de extensão em que pais e filhos aprendem música juntos, e ali desenvolvem novos conhecimentos que ultrapassam os saberes específicos em música, os trabalhos de Souza (2004; 2009) contribuíram para abrir um outro olhar para as aprendizagens musicais coletivas, ao discutirem a importância de compreendermos a música enquanto uma “prática social”, em que cada aluno constrói o seu repertório a partir do cotidiano e de suas vivências musicais, em que a família se constitui em importante referencial.

### **Apresentação das famílias: entendimento de família neste estudo**

Muitas das crianças têm os avós ou tios no grupo, porém meu foco foi entrevistar as famílias em que as crianças e pelo menos um dos pais também integrasse o grupo, embora todas configurações familiares pudessem trazer indagações interessantes à minha pesquisa. Meu entendimento de pais e filhos, nessa pesquisa, envolveu as crianças do grupo de extensão que moram com os pais e que estes, o casal ou apenas um dos pais, fazem parte do grupo adulto.

O quadro abaixo apresenta os participantes, a profissão dos pais, data, duração e local da realização das entrevistas e a configuração familiar, que envolve o conjunto de pessoas que partilham do mesmo ambiente doméstico. Importante salientar que todos os participantes estão sendo reconhecidos por pseudônimos escolhidos, por eles, ao longo da pesquisa:

**Quadro 2:** Apresentação das famílias

<b>Crianças do grupo Infanto-juvenil</b>	<b>Coiores, Sol e Estrelinha</b>	<b>Anna Júlia</b>	<b>Isabela</b>
<b>Pais entrevistados</b>	Zero e Colorida	Priscila	Heitor e Sophia
<b>Profissão</b>	Mecânico e Professora	Artesão e Eletricista (pai)	Professor e Professora
<b>Data da Entrevista</b>	24 agosto 2017	26 setembro 2017	19 outubro 2017
<b>Duração da Entrevista</b>	01h e 06min	28min	32min
<b>Local da Entrevista</b>	Casa da Família	Casa da Avó	Local de Trabalho

<b>Configuração familiar ambiente doméstico</b>	e	Pai, mãe, filho (somente do pai), filha, duas sobrinhas e dois gatos.	Avó, neta e cachorro. Pai, mãe, irmã e bisavô.	Pai, mãe e filha.
---	---	---	--	-------------------

Fonte: (VIEGAS, 2017, p. 25)

A família de Zero e Colorida é formada pela filha do casal, Cores, duas sobrinhas que moram na casa e frequentam o grupo e o filho de Zero que não é participante do grupo de extensão. No dia de nossa entrevista, soube que as meninas moravam com a Colorida há dois anos e frequentavam o grupo. Durante a entrevista, o casal se refere às três meninas como filhas, pois as duas sobrinhas também fazem parte da família.

A configuração familiar e ambiente doméstico da Priscila se dividem em duas casas: a da mãe da Anna Júlia e a da avó da Anna Júlia. A Anna Júlia, filha de Priscila, mora com a avó desde que nasceu. Importante explicar que quando a mãe da Anna Júlia teve sua própria casa a filha quis ficar na casa da avó, que é a duas quadras da casa da mãe. No ambiente doméstico de Priscila mora seu esposo, a filha mais nova do casal, irmã da Anna Júlia e o bisavô. Nesta apresentação das famílias, o casal Heitor e Sophia residem com a filha Isabela.

Compreendendo a família conforme Costa (2009) propõe, baseada não mais em “modelos”, mas sim “dinâmicas”, é possível compreender que a “família, na contemporaneidade, está escrita no plural, pelas diversas configurações que tem assumido e pelos fatores que nela estão presentes (classe social, questões étnicas, religiosas, opções políticas etc)” (COSTA, 2009, p. 368). Assim, procurei dialogar com estas “dinâmicas” de famílias, ao entrevistar pais e/ou mães que, juntamente com suas filhas, participam do grupo de práticas vocais coletivas. No entanto, a complexidade que envolve a configuração familiar vai além dos participantes do grupo de extensão que foram entrevistados.

Entendendo a família “como construção social”, conforme Saraceno (1997) apresenta em seu livro *Sociologia da Família*, a instituição família “revela-se como um dos lugares privilegiados de construção social da realidade, a partir da construção social dos acontecimentos e relações aparentemente mais naturais” (SARACENO, 1997 p. 12).

## Motivações para participarem do grupo de práticas vocais

As *motivações* relatadas pelos pais entrevistados envolveram a compreensão do quanto a música é importante para a formação de seus filhos, do quanto gostam de cantar e, além disso, para “unir o útil ao agradável”, pela possibilidade que a música tem no desenvolvimento cognitivo das crianças. Colorida relaciona a importância da música na vida dela e do esposo, pois faz lembrar “de épocas, assim, da vida da gente relacionadas à música”. Assim como no trabalho de Torres (2009), “é uma identidade musical lembrada e narrada, entremeada com as memórias, os fatos, os locais, as pessoas e os sentimentos” (TORRES, 2009, p. 238).

Sophia e Heitor, pais de Isabela, sempre gostaram de cantar, porém havia certo receio por parte da mãe de Isabela em participar de um coro porque todos os grupos já tinham uma rotina e ela tinha um pouco de medo pois seria nova no grupo. Quando surgiu a oportunidade de entrar para um grupo que estava iniciando sentiu-se animada com a ideia pois, “quando tem uma oportunidade de estar em um grupo que está começando e tu começar junto com o grupo, é diferente”. Heitor também justifica sua motivação e motivos para estarem juntos, em família, no grupo:

Eu cantava na faculdade, no coral, e sempre quis porque é uma coisa que eu gosto, né, eu sempre gostei de cantar e aí aproveitei para incentivar a Sophia também, porque em casa ela cantava, mas aí ficava com um pouco de receio de cantar. E a Isabela também, a Isabela desde criança, criança, criança ela é, não é. Ela gosta de cantar em casa, ela gosta de cantar, então foi natural para ela (Heitor, entrevistado em 19 outubro 2017).

Priscila compreende a importância do grupo de extensão no resgate de práticas musicais há algum tempo esquecidas e também para ajudar nas atividades de canto que a filha Anna Júlia precisa desenvolver no CTG<sup>4</sup>, conforme especifica:

Foi para ela [a filha] ir treinando, e eu resolvi entrar esse ano porque eu sempre gostei, como eu fazia coral desde adolescente; e, justamente, para unir o útil ao agradável. Para levar ela, não ficar lá duas horas parada, nem

---

<sup>4</sup> CTG: Centro de Tradições Gaúchas, lugar onde a família costuma frequentar e a filha participa como prenda.

voltar. Aí eu digo: ‘Ah, então quem sabe eu não volto para o coral, como eu era antes?’ (Priscila, mãe entrevistada em 26 setembro 2017).

Especificamente sobre a atuação da filha no CTG, Priscila justifica que a menina “é prenda e ela concorre, ela canta ou declama, mas ela não gosta de declamar, ela gosta de cantar”. Anna Júlia já teve aulas de canto e a família “resolveu colocar ela no coral, para ela ir treinando também a voz e colocar a respiração no lugar, tudo isso pra auxiliar ela nos concursos de prenda”.

### **A música na formação das crianças: aspectos sociais, educacionais e cognitivos**

As famílias, de modo geral, salientaram a importância da interação desenvolvida com as pessoas no grupo, a possibilidade de as crianças adquirirem mais segurança na formação delas “como pessoas, como cidadãos, como ser” (Zero, pai entrevistado).

Porque eu acho que infelizmente elas estão um pouco carente hoje no mundo, de pessoas que tem, sabe, essa coisa que expressem e que não tenham medo de expressar a sua opinião, a sua visão sobre algumas coisas e isso é a música: é essa interação, é esse trabalho, ele permite isso aí, como se fosse uma ponte pra conseguir alcançar. Até onde eu acho, isso daí é uma coisa muito importante, assim, pra elas. Tanto que na minha visão, as escolas deveriam ter [música]. (Zero, pai entrevistado em 24 agosto 2017).

As famílias apontam o interesse em que os filhos estejam envolvidos com música e nessa prática de cantar em um grupo. Sophia considera a música “essencial”, pois “estar trabalhando com o outro, saber ouvir” contribui para a formação da filha. A mãe relatou, também, que não necessariamente deseja que a filha “se torne uma musicista”, mas que esteja envolvida com a música. Além disso, o pai Heitor falou da confiança que deposita no trabalho desenvolvido no grupo:

Então tudo que ela fizer em relação à música vai ajudar, só de ela estar cantando lá [no grupo de práticas vocais coletivas] (...) eles já cantam em duas vozes, e isso vai desenvolvendo a percepção harmônica e a parte rítmica também. (...) Então isso ajuda no geral, não é, na percepção e na coordenação, tudo vai se desenvolvendo. Sem contar que o trabalho, a gente sabe que o trabalho é bem feito lá, é bem embasado tudo, então a gente tem



segurança de deixar lá porque sabe que o que for feito, tudo vai ser bem benéfico (Heitor, pai entrevistado em 19 outubro 2017).

A família de Colorida considera a importância da música porque desenvolve aspectos “da interação, da segurança, da formação” das filhas. Os pais ressaltaram que, além de desenvolver a nível cognitivo, a música também tem uma função terapêutica:

É, a música é uma coisa importante, todo o desenvolvimento, acho que é quase que uma terapia para as gurias também. Essa coisa (...) que te envolve a tua alma, envolve o teu corpo, tu te expressa, solta um pouco, um pouco das tuas, das coisas que de repente tu não está tão bem. E aí tu vai ali, canta que ameniza, que passa. Eu acho que isso é importante, (...) até da parte intelectual, do teu desenvolvimento. Tu tem que parar ali, tu tem que seguir aqui, então tu trabalha ali, (...) que é pra teu desenvolvimento (Colorida, mãe entrevistada em 24 agosto 2017).

Alguns depoimentos reforçaram a música a serviço de outras áreas do conhecimento ou de outras atividades, conforme revelou a mãe Colorida, sobre o fato de a música ajudar não apenas na prática vocal, mas também em suas relações pessoais.

### **Objetivos da família com a prática musical coletiva no grupo**

Dentre os objetivos da família com a prática musical em conjunto foi pontuado que cantarem no grupo é uma atividade que oportuniza um escape das mídias, um tempo a mais com os filhos, um espaço de socialização, um meio de ser um cidadão “melhor para o mundo”.

Colorida não sabe definir os objetivos, mas considera que estar ali é algo positivo para as filhas e para ela também. É uma atividade que faz você “se soltar”, ter um momento em que “interage com as pessoas”, não estar somente envolvido com as mídias:

Ah, a gente não pensa assim: ‘*Tem esse objetivo*’, mas é isso aí, elas poderiam estar fazendo alguma coisa que é positiva, assim, cantando, não estão só olhando tevê ou só no tablet, essa coisa assim. (...) é uma coisa para vida, não é, tu ali com as tuas crianças cantando, é uma coisa muito bonita. Então o nosso objetivo é de, é que elas estão aprendendo tanta coisa nesse mundo musical que então estão ali rindo, cantando, se expressando e ao mesmo tempo que faça bem para elas, como se fosse uma terapia, além de ter essa parte do desenvolvimento (Colorida, mãe entrevistada em 24 agosto 2017).

Abrindo outra perspectiva para problematizar as mídias enquanto uma instituição socializadora, Setton lembra que, para “o bem ou para o mal, a cultura de massa está presente em nossas vidas, transmitindo valores e padrões de conduta socializando muitas gerações” (SETTON, 2002, p. 109). A autora compreende as mídias “como espaços educativos na medida em que são responsáveis pela produção de uma série de valores que ajudam os indivíduos a organizar suas vidas e suas ideias”, nos dando uma maneira de “compreender e de se adaptar ao mundo” (SETTON, 2015, p. 9). No entanto, os pais enfatizaram uma preocupação de que essa geração que cresce “na era das mídias eletrônicas” (BUCKINGHAM, 2007) também precisa de interações sociais e não apenas virtuais.

As entrevistas também revelaram o quanto o grupo de extensão faz parte de um momento em que os pais estão junto com os filhos, tendo em vista o tempo curto que as famílias passam com as crianças.

Também foi apontada pelos pais a experiência de estar sempre aprendendo. Colorida ressaltou que ela, “com quase 50 anos”, está desenvolvendo o que as meninas na infância já estão vivenciando. Essas experiências, construídas desde cedo na vida das crianças, são fundamentais pois promovem “a criatividade”, sem o medo adulto se está acertando ou errando. Ela conta que hoje não consegue definir o quanto a prática no grupo tem contribuído para as filhas, mas considera o momento como um processo que muitas vezes “marcam”, pois são momentos “que vão te construir como uma pessoa”.

A partir das narrativas, podemos considerar que as famílias entrevistadas acreditam no trabalho desenvolvido em grupo, trabalhando em sinergia (BOZZETTO, 2012) com aquilo que desejam para a educação dos filhos e com a aprendizagem musical no grupo de extensão.

### **Considerações Finais**

A presente pesquisa oportunizou ouvir e atentar para as falas das famílias entrevistadas, revelando aspectos e movimentos do trabalho pedagógico dos pais na formação musical dos filhos e significados construídos ao longo das observações e das entrevistas. Nessa direção, tornou-se fundamental entender a música como um “fator social”, o que possibilita compreender “relações que os alunos constroem com a música” (SOUZA, 2004, p. 8), incluindo o papel da família nessas construções. A música é considerada

“essencial” na formação dos filhos, pois a mesma está associada a momentos divididos e construídos com as crianças, lembranças e memórias dos pais.

Entrevistar essas famílias permitiu que fôssemos construindo, a partir de suas narrativas, caminhos e eixos analíticos para a pesquisa que ainda podem ser explorados diante do tema Família e Educação Musical, em futuros trabalhos.

Avaliando os objetivos desse estudo, uma das maiores motivações para as famílias participarem do grupo é a experiência de “estar junto” com os filhos. Foi revelado, durante as entrevistas, a importância das experiências e aprendizagens divididas dentro desse contexto, e os impactos disso no ambiente familiar. É uma maior aproximação e participação no processo de aprendizagem das crianças, que ocorre juntamente com o dos pais.

O material empírico também possibilitou revelar o desejo da continuidade do trabalho musical que é desenvolvido dentro do grupo de práticas vocais. As famílias compartilharam preocupações quanto à educação dos filhos, as músicas escutadas e o papel das mídias na vida dos filhos, compreendendo as interações construídas dentro do grupo como fundamentais para ampliar experiências de aprendizagem e de objetivos das próprias famílias com o *cantar em conjunto*.

Sobre a finalização deste processo, sinto-me uma “nova” educadora musical, mais atenta em observar as relações de pais e filhos em minhas atividades como professora. Procuro lembrar a importância que eles dão ao processo educativo dos filhos, considerando que a participação das crianças e o envolvimento delas com música nasce, também, do desejo que a família coloca nessas aprendizagens. Nessa direção, um professor não trabalha sozinho. As famílias, quaisquer que sejam suas configurações, atuam juntamente com os professores de música. Nossos alunos também são formados nessas “relações sociais e culturais em diferentes espaços e meios de socialização” (SOUZA, 2004, p. 10), sendo a família o primeiro espaço para a formação identitária da criança.

## Referências

BELLONI, Maria Luiza. *O que é sociologia da infância*. Campinas: Autores Associados, 2009.

BODGAN, Roberto C; BIKLEN, Sari Knopp. *Investigação qualitativa em educação*. Porto: Porto Editora, 1994.

BOZZETTO, Adriana. *Projetos educativos de famílias e formação musical de crianças e jovens em uma orquestra*. Porto Alegre, 2012, 295 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

BOZZETTO, Adriana. Família como interlocutora do projeto musical dos filhos: um estudo a partir da socialização musical de crianças e jovens em uma orquestra. *Cadernos Ceru*, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 52-65, dez. 2015.

BUCKINGHAM, David. *Crescer na era das mídias eletrônicas*. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

COSTA, Livia Fialho da. Notas sobre formas contemporâneas de vida familiar e seus impactos na educação dos filhos. In: NASCIMENTO, Antonio Dias; HETKOWSKI, Tânia Maria (Orgs.) *Educação e Contemporaneidade: pesquisas científicas e tecnológicas*. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 355-371.

FREIRE, Vanda Bellard. Música, pesquisa e subjetividade: Aspectos gerais. In FREIRE, Vanda Bellard (Org.). *Horizontes da pesquisa em música*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2010. Parte I, p. 8 – 59.

MINAYO, Maria Isabela de Souza. Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta. In: MINAYO, Maria Isabela de Souza (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2010, p. 61-77.

PENNA, Maura. *Construindo o primeiro projeto de pesquisa em educação e música*. Porto Alegre: Sulina, 2015.

SARACENO, Chiara. *Sociologia da Família*. Lisboa: Editorial Estampa, 1997.

SETTON, Maria da Graça J. Família, escola e mídia: um campo com novas configurações. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 28, n.1, p. 107-116, jan./jun. 2002.

SETTON, Maria da Graça J. A particularidade do processo de socialização contemporâneo. *Tempo social*, revista de sociologia da USP, v. 17, n. 2, p. 335-350, nov. 2005.

SETTON, Maria da Graça J. *Mídia e educação*. São Paulo: Contexto, 2015.

SOUZA, Jusamara. Educação musical e práticas sociais. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, V. 10, 7-11, mar. 2004.

SOUZA, Jusamara. Aprender e ensinar música no cotidiano: pesquisas e reflexões. In: SOUZA, Jusamara (Org.). *Aprender e ensinar música no cotidiano*. Porto Alegre: Sulina, 2009, p. 7-12.

TORRES, Maria Cecília de A. R. Músicas do cotidiano e memórias musicais: narrativas de si de professoras do ensino fundamental. In: SOUZA, Jusamara (Org.). *Aprender e ensinar música no cotidiano*. Porto Alegre: Sulina, 2009, p. 237-258.

VIEGAS, Rayssa Fernandes. Pais e filhos aprendendo música juntos: a experiência em um grupo de extensão em práticas vocais coletivas. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Música) – Universidade Federal do Pampa, Campus Bagé, Bagé, 2017. Disponível em: <<http://dspace.unipampa.edu.br:8080/jspui/handle/riu/2813>>  
Acesso em: 11/07/2018.